

Prezados Leitores, saudações!

Eita que 2024 quase se vai sem que a RMP pusesse o seu bloco na rua.

Diversas *bronkas* (com K mesmo) incluindo uma migração meio tropega de plataforma, ao lado de uma demanda baixa de artigos de qualidade (e nisso vocês leitores são evangelizadores: salvem a RMP!!!) e mesmo uma contumaz visita CAPES que queria dar um aviso do tipo: “olha a casa vai cair...”, em relação ao programa base, canalizaram nosso esforço para um foco mais braçal, burocrático e certamente de menor atenção à revista.

Mas contamos com bons autores e devotados avaliadores que fizeram em mutirão uma boa “limpa” na base, deixando os melhores e descartando aqueles mais frágeis, tal que se gerou uma pequena concorrência, vez que artigos aprovados e já em ponto de diagramação tiveram que ser preteridos para que foram mais ágeis e responderam a tempo de compor o volume 13, número 1, que será logo *entubibado* (em típico *pernambuquês*) do volume 13, número 2, o que fará termos em um mês doze ou mais publicações em ativo!

Os contributos do primeiro *stint* (e agora valendo-me do jargão da fórmula 1) vêm de diversos estados do país e com diferentes visões conceituais e de aplicação, bem em sintonia com o perfil da RMP. Vejamos.

Na abertura, com um perfil pernambucano Rezilda e Mariana nos levam ao mundo da avaliação integrativa, sua aplicação no âmbito de uma IFES e os vislumbres postos em níveis organizacionais visando ajustes quanto às exigências das políticas de gestão ambiental do país. Já com ecos brasilienses, Lívia Frauches, Livia Felix, Paula, Yara e Luiz nos fazem passear pelos céus de brigadeiro (ou quase) da indústria aeronáutica, estudando a transição da atividade aeroespacial de natureza predominantemente pública para um mercado emergente e uma nova economia. Não menos intrigante é o que o traço algo alagoano de Lais, Milka e Fernanda que nos faz mergulhar no instável, notável e instigante universo do prazer e do sofrimento organizacional, mostrando depoimentos marcantes que vão da identificação da retaliação no trabalho ao intento de criar um ambiente de trabalho adequado, equitativo e saudável. Penetrante também é o sentimento potiguar que aflora do escrito de Artur e Lilia, o qual retrata uma radiografia precisa e uma proposição ativa para o problema de contratações temporárias serem evitadas mediante o redesenho e a padronização de cargos a esfera municipal que é tratada. Bem revelador também é o sotaque gaúcho que exara do texto de Cláudia, Angélica e Domingos, que nos transporta ao universo da agricultura em Pejuçara-RS, retratando as ações e os desafios neste setor para que o seguro agrícola seja, efetivamente, uma ferramenta de gestão. Por fim, com o universalismo típico da temática tratada, Ingrid, Mayrton e Sydney – em seu *nordestinês* a florado, trazem o debate sobre o uso do Chat GPT® na educação como um avanço da tecnologia no século XXI, que pode ser bastante bem utilizada, contanto que haja consciência e moderação.

Como se vê bons motivos à leitura e mais uma edição em que nossa interinidade avança a ser (quase) uma eternidade...

O Editor **PT**.



Os artigos desta edição estão licenciados sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>